

PHILIP ROTH

# OPERAÇÃO SHYLOCK

*Uma confissão*

*Tradução*

Marcos Santarrita



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1993 by Philip Roth  
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
*Operation Shylock: A Confession*

*Capa*  
Jeff Fisher

*Preparação*  
Mário Vilela

*Revisão*  
Renato Potenza Rodrigues  
Giovanna Serra

*Atualização ortográfica*  
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Roth, Philip  
Operação Shylock : uma confissão / Philip Roth ; tradução  
Marcos Santarrita. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia de Bolso,  
2017.

Título original: Operation Shylock : A Confession.  
ISBN 978-85-359-2919-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

17-03653

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2017

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

אִתְּךָ יָעַקְבֹּב דְּבַר אֱלֹהִים  
אֵינִי עֹשֶׂה עִלּוּת פְּתוּחַ

Jacó, porém, ficou só; e lutou com ele um varão, até que a alva subia.

GÊNESIS 33:24

Todo o conteúdo de meu ser berra em contradição consigo mesmo.

---

A existência é sem dúvida uma discussão...

KIERKEGAARD

# SUMÁRIO

Prefácio, 11

## I

1. Surge Pipik, *14*
2. Uma vida que não é a minha, *49*
3. Nós, *72*
4. Malícia judaica, *108*
5. Eu sou Pipik, *147*

## II

6. A história dele, *184*
7. A história dela, *227*
8. A incontroabilidade das coisas reais, *253*
9. Falsificação, paranoia, desinformação, mentiras, *300*
10. Não odiarás teu irmão em teu íntimo, *342*

Epílogo:

As palavras em geral estragam tudo, *377*

Nota ao leitor, *422*

Sobre o autor, *423*

## PREFÁCIO

Por motivos legais, tive de alterar vários fatos neste livro. São modificações menores, que compreendem basicamente detalhes de identidade e local, e pouca importância têm para a história como um todo e sua verossimilhança. Todos os nomes que foram mudados são assinalados com um pequeno círculo na primeira vez que aparecem.

*Operação Shylock* foi extraído de diários. O livro é uma versão tão exata quanto me foi possível dar de ocorrências reais que vivi em meados da casa dos meus cinquenta anos e que culminaram, no início de 1988, com minha concordância em efetuar uma operação de coleta de informações para o serviço de inteligência de Israel, o Mossad.

O comentário sobre o caso Demjanjuk reflete com exatidão e franqueza o que eu pensava em janeiro de 1988, quase cinco anos antes que provas soviéticas, apresentadas num recurso pela defesa, levassem a Suprema Corte israelense a considerar nula a sentença de morte decretada em 1988 pela Corte Distrital de Jerusalém, a cujas sessões assisti e que descrevo aqui. Com base em interrogatórios soviéticos feitos de 1944 a 1900, que só vieram inteiramente à luz após o fim da União Soviética — e nos quais vinte e um ex-soldados do Exército Vermelho que se ofereceram como auxiliares voluntários das SS foram depois executados pelas autoridades soviéticas estabeleceram que o sobrenome do Ivã, o Terrível, de Treblinka era Marchenko, e não Demjanjuk —, a defesa afirmou ser impossível a acusação provar sem sombra de dúvida que John Ivan Demjanjuk, operário da indústria automobilística de Cleveland, e o notório operador de câmara de gás eram o mesmo “Ivã”. A refutação da promotoria alegou não só que os registros da antiga União Soviética

estavam repletos de incoerências e contradições, mas que, o mais importante, como o testemunho fora tomado em circunstâncias não verificáveis, por guardas não mais disponíveis para contrainterrogatório, tratava-se de rumor inadmissível. Além disso, a promotoria argumentou que documentos recém-descobertos nos arquivos federais alemães provavam agora, conclusivamente, que Demjanjuk cometera perjúrio repetidas vezes ao negar que também fora guarda no campo de treinamento de Trawniki, no campo de concentração de Flossenburg e no campo de extermínio de Sobibor.

Até esta data, a Suprema Corte ainda está examinando o recurso.\*

*P. R.  
1º de dezembro de 1992.*

\* Em fins de julho de 1993, a Suprema Corte israelense revogou a condenação, por insuficiência de provas; e em setembro do mesmo ano decidiu que John Ivan Demjanjuk não podia mais ser processado por supostos crimes contra judeus na Alemanha nazista e estava livre para deixar o país quando quisesse. (N. T.)

I

## 1. SURGE PIPIK

**FIQUEI SABENDO DO OUTRO PHILIP ROTH** em janeiro de 1988, poucos dias depois do ano-novo, quando meu primo Apter telefonou para mim em Nova York e disse que, segundo a rádio israelense, eu estava em Jerusalém, assistindo ao julgamento de John Demjanjuk, que se supunha fosse Ivã, o Terrível, de Treblinka. Apter me disse que o julgamento de Demjanjuk estava sendo transmitido integralmente, todo dia, no rádio e na televisão. Segundo a senhoria dele, eu aparecera brevemente na televisão no dia anterior, identificado pelo comentarista como um dos espectadores no tribunal, e depois, naquela mesma manhã, ele próprio ouvira no rádio a notícia corroboradora. Apter me telefonava para confirmar meu paradeiro, pois depreendera da minha última carta que eu só estaria em Jerusalém no fim do mês, quando planejava entrevistar o romancista Aharon Appelfeld. Ele dissera à senhoria que, se eu estivesse em Jerusalém, já o teria procurado, o que era verdade — nas quatro visitas que fizera quando trabalhava nos trechos israelenses de *O avesso da vida*, levava rotineiramente Apter para almoçar um dia ou dois após minha chegada.

Esse primo Apter — em segundo grau, do lado de minha mãe — é um feto adulto, em 1988 um homem de cinquenta e quatro anos que chegara à maturidade sem ter evoluído, um homenzinho minúsculo, parecendo um boneco, com o rosto terrivelmente vazio de um ator juvenil que envelhece. No rosto de Apter não há a menor marca das agressões da vida judia no século XX, embora em 1943 toda a sua família tenha sido consumida pela mania alemã de assassinar judeus. Ele foi salvo por um oficial alemão que o sequestrou no ponto de transporte polonês e o vendeu a um bordel masculino em Munique. Esse era



um bico lucrativo que o oficial fazia. Até hoje ele permanece acorrentado à infância, uma pessoa que, no fim da meia-idade, ainda chora com a mesma facilidade com que enrubesce e mal consegue encarar alguém com seus olhos cronicamente súpliques, uma pessoa cuja vida inteira está nas mãos do passado. Por isso, não acreditei em nada do que ele me disse ao telefone sobre outro Philip Roth, que aparecera em Jerusalém sem informá-lo. Apter tem uma fome insaciável pelos que não estão presentes.

Mas quatro dias depois recebi um segundo telefonema em Nova York sobre minha presença em Jerusalém, este de Aharon Appelfeld. Aharon era um amigo íntimo, desde que nos conhecêramos numa recepção a ele oferecida pelo adido cultural de Israel em Londres, no início da década de 1980, quando todos os anos eu ainda passava vários meses, naquela cidade. A publicação americana de seu recém-traduzido romance *O imortal Bartfuss* seria a oportunidade para a entrevista que eu acertara fazer com ele para o *New York Times Book Review*. Aharon me ligou para dizer que, no bar de Jerusalém onde ele ia escrever todo dia, pegara uma edição do fim de semana anterior do *Jerusalem Post* e, na página de acontecimentos culturais da semana seguinte, no domingo, vinha um aviso do qual achava que eu devia tomar conhecimento. Disse que, se o tivesse visto alguns dias antes, teria assistido ao acontecimento como meu emissário silencioso.

“Diasporismo: a única solução para o problema judeu.”  
Conferência de Philip Roth; seguida de debate. 18h. Suíte 511, King David Hotel. Bufê.

Passei toda aquela noite imaginando o que fazer quanto à confirmação, por Aharon, da notícia de Apter. Por fim, depois de ter me convencido durante uma noite quase não dormida de que alguma fortuita série de erros devia ter resultado numa confusão de identidades, que eu faria melhor se ignorasse, saltei da cama de manhã cedo e, antes mesmo de lavar o rosto, telefonei para a suíte 511 do King David Hotel, em Jerusalém.

Perguntei à mulher que atendeu — e atendeu falando inglês americano — se havia ali um sr. Roth. Ouvi-a gritar para alguém: “Querido... pra você”. Aí um homem atendeu. Perguntei-lhe se era Philip Roth. “Sou”, ele respondeu, “quem está falando, por favor?”

As ligações de Israel tinham me alcançado na suíte de dois quartos em Manhattan onde minha mulher e eu morávamos havia quase cinco meses, como que enclachados na linha divisória entre o passado e o futuro. A impessoalidade da vida de hotel numa cidade grande era absolutamente incompatível com o instinto doméstico tão forte em nós dois, mas, por menos preparados que estivéssemos para aquele deslocamento e aquela vida sem raízes, não familiar, era preferível aquilo, por enquanto, a voltarmos para nossa casa de fazenda em Connecticut, onde, durante a primavera e o verão passados, com Claire em volta sem saber o que fazer, temendo o pior, eu mal conseguira sobreviver à mais angustiante experiência de minha vida. Distante quase um quilômetro da casa do vizinho mais próximo, e cercada de mato e campos abertos, ao fim de uma longa estrada de terra, a velha casa, grande e isolada, cujo cenário proporcionara por mais de quinze anos o exato isolamento que minha concentração exigia, tornara-se o soturno cenário de um estranho colapso; o aconchegante santuário de tábuas, com assoalho de carvalho e poltronas gastas, um lugar onde livros se empilhavam por toda a parte e um fogo de lenha ardia alto quase a noite toda, virara de repente um hediondo asilo, confinando juntos um abominável lunático e uma guardiã perplexa. O lugar que antes eu adorava passara a me encher de pavor, e eu relutava em retornar para lá, depois de termos perdido aqueles cinco meses como refugiados em hotéis e de minha conhecida personalidade ativa ter voltado a tomar as rédeas e a me repor na boa e velha trilha de minha vida. (Com hesitação a princípio, de modo nenhum convencido de que tudo estava tão seguro quanto parecia antes; mais como os funcionários voltam

da rua a um prédio de escritórios temporariamente liberado após uma denúncia de bomba.)

O que acontecera fora o seguinte:

Após uma pequena cirurgia no joelho, minha dor, em vez de diminuir com o passar das semanas, fora ficando cada vez pior, superando em muito o prolongado desconforto que me levava a decidir fazer a cirurgia. Quando consultei o jovem cirurgião sobre a piora de meu estado, ele respondeu simplesmente: “Isso acontece às vezes”, e, dizendo ter me avisado antes que a operação podia não dar certo, me dispensou como seu paciente. Fiquei com apenas alguns comprimidos para mitigar meu espanto e aguentar a dor. Esse surpreendente resultado de um breve caso ambulatorial deixaria qualquer um furioso e desanimado; em meu caso, o que aconteceu foi pior.

Minha mente começou a se desintegrar. A própria palavra DESINTEGRAÇÃO parecia ser a matéria de que se compunha meu cérebro, que entrou em desintegração espontânea. As treze letras, componentes grandes, parrudos e diversamente proporcionados de meu cérebro, entrelaçavam-se de maneira complicada, soltavam-se com trepidação umas das outras, às vezes um fragmento de letra de cada vez, mas em geral segmentos assilábicos dolorosamente impronunciáveis de duas e três letras, as bordas cheias de ásperas serrilhas. Esse desmonte mental era uma realidade tão distintamente física quanto um dente ao ser arrancado, e a agonia era excruciante.

Alucinações como essa e outras piores atropelavam-se em meu cérebro dia e noite, um bando de animais selvagens que eu nada podia fazer para deter. Não podia deter coisa alguma, a vontade embotada pela magnitude da ideia mais minúscula e idiota. Duas, três vezes por dia, sem provocação nem aviso, me punha a chorar. Não importava se estava só em meu gabinete, virando a página de mais um livro que não conseguia ler, ou jantando com Claire, a olhar desvalido a comida que ela preparara e que eu não descobria motivo algum para comer — eu chorava. Chorava diante de amigos, diante de estranhos; mesmo sozinho no banheiro, eu me dissolvia contorcido em lágrimas.

mas, uma cascata de lágrimas que me deixava sentindo absolutamente em carne viva — esfolado por décadas de vida, meu ser interior expunha-se a todos em toda a sua nauseante insignificância.

Não deixava as mangas da camisa cm paz por dois minutos seguidos. Parecia não poder me impedir de enrolar febrilmente as mangas e depois desenrolá-las com a mesma febre e fechar meticulosamente a abotoadura, só para tornar a abri-la e iniciar mais uma vez o insensato processo, como se seu sentido se aprofundasse, na verdade, até o âmago de minha existência. Não conseguia me impedir de abrir as janelas e depois, quando o ataque de claustrofobia cedia aos arrepios, fechá-las de novo com estrondo, como se não tivesse sido eu, mas outro, quem as escancarara. As batidas do pulso disparavam para até cento e vinte por minuto mesmo quando eu estava sentado, o cérebro morto, diante do noticiário noturno da TV, um cadáver, a não ser pelo coração a martelar com violência, acompanhando um relógio que tiquetaqueava duas vezes mais rápido que qualquer outro na Terra. Era outra manifestação de pânico que eu nada podia fazer para controlar; pânico esporádico o dia todo, e depois, sem alívio, titânico a noite toda.

Tinha pavor das horas de escuridão. Escalando a pista de obstáculos que se tornara a escada para nosso quarto, um doloroso degrau de cada vez — dobrando a perna boa, arrastando a má — eu me sentia a caminho de uma sessão de tortura à qual daquela vez não poderia sobreviver. Minha única chance de chegar até o amanhecer sem ter a mente toda desmontada era agarrar-me a uma imagem talismânica de meu mais inocente passado e tentar me livrar da ameaça da longa noite amarrado ao mastro daquelas lembranças. Uma que eu me esforçava histericamente, numa espécie de anseio convulsivo, para invocar e salvar-me era a de meu irmão mais velho levando-me por nossa rua de pensões e bangalôs de verão à calçada de tábuas e, descendo um lance de degraus de madeira que dava na praia, na cidade litorânea de Nova Jersey onde nossa família alugava um quarto por um mês todo verão. *Me leva, Sandy, por favor.*

Quando eu pensava (muitas vezes erroneamente) que Claire estava dormindo, cantava esse sortilégio em voz alta, cinco palavras infantis que eu não dizia com tanto ardor, se é que algum dia dissera, desde 1938, quando tinha cinco anos e meu atencioso e protetor irmão tinha dez.

Eu não deixava Claire fechar as cortinas à noite, porque precisava saber que o sol nascia no segundo mesmo em que começava a alvorada; mas toda manhã, quando as vidraças começavam a clarear nas janelas que davam para o leste, bem ao lado de onde eu me deitava, qualquer alívio que sentisse do terror da noite logo era afastado pelo terror do dia que ia começar. A noite era interminável e insuportável, o dia era interminável e insuportável, e quando eu estendia a mão para a caixa de comprimidos, para pegar a cápsula que abriria um buraco onde por algumas horas eu poderia esconder-me de toda a dor à minha espera, não podia acreditar (embora não tivesse opção senão acreditar) que os dedos trêmulos na caixa fossem meus. “Onde está Philip?”, eu perguntava cavamente a Claire, de pé, agarrando-lhe a mão na beira da piscina. Verões sem conta eu nadara regularmente, naquela piscina, trinta minutos ao fim de todo dia; agora tinha medo até mesmo de mergulhar um dedão do pé, esmagado pela bela e veranil superfície daqueles milhares de litros de água em que eu tinha toda a certeza de que seria sugado para sempre. “Onde está Philip Roth?”, perguntava em voz alta. “Aonde foi ele?” Não falava histrionicamente. Perguntava porque queria saber.

Isso e muitas outras coisas idênticas duraram cem dias e cem noites. Se alguém me telefonasse então e dissesse que Philip Roth fora visto num julgamento por crimes de guerra em Jerusalém, ou anunciado num jornal de Jerusalém como fazendo conferência no King David Hotel sobre a única solução para o problema judeu, não imagino o que eu teria feito. Absolutamente absorvido como estava naquela tragédia de autoabandono, isso teria proporcionado uma prova decisiva e desarticuladora o suficiente para me convencer a levar adiante o suicídio. Porque eu pensava em me matar o tempo todo. Em geral, pen-

sava em afogamento: na pequena lagoa do outro lado da estrada, defronte da casa... se não tivesse tanto horror das cobras-d'água lá mordiscando meu cadáver; no grande e pitoresco lago apenas a alguns quilômetros de distância... se não tivesse tanto medo de dirigir até lá sozinho. Quando fomos a Nova York naquele maio, para eu receber um título honorário de Columbia, abri a janela de nosso quarto de hotel no décimo quarto andar, num momento em que Claire descera para ir à drogaria, e, curvando-me o máximo que podia sobre o pátio interno sem largar o parapeito, disse a mim mesmo: “Vamos. Agora não tem cobra nenhuma pra te deter”. Mas tinha meu pai; ele viria de Nova Jersey no dia seguinte para me ver receber o diploma. Brincando ao telefone, passara a me chamar de “doutor”, como fizera nas vezes anteriores em que eu ia receber uma dessas coisas. O negócio era esperar para saltar depois que ele voltasse para casa.

Em Columbia, no estrado, diante de vários milhares de pessoas festivamente reunidas na grande e ensolarada praça da biblioteca para ver os procedimentos da diplomação, convenci-me de que não conseguiria chegar ao fim da cerimônia, que duraria a tarde toda, sem começar a berrar ou soluçar incontrolavelmente. Jamais saberei como cheguei ao fim daquele dia, ou do banquete de boas-vindas aos candidatos a títulos honorários, na noite anterior, sem comunicar a todos que me viam que eu era um homem liquidado e na iminência de provar isso. Também pouco saberei jamais o que teria feito, meio projetado para fora da janela do hotel naquela manhã, ou mesmo no estrado no dia seguinte, se eu não houvesse interposto entre meu ser iludido e seus clamorosos anseios de aniquilação a dedicação que me ligava a um pai de oitenta e seis anos, cuja vida a minha morte por suicídio iria fazer em pedaços.

Após a cerimônia em Columbia, meu pai voltou ao hotel conosco para um cafezinho. Adivinhara semanas antes que havia alguma coisa muito errada comigo, mesmo eu insistindo, quando nos víamos ou nos falávamos pelo telefone, que era apenas a persistência da dor física que me deprimia. “Você parece

esgotado”, ele dizia, “está horrível.” Minha aparência deixara-o pálido — e ele ainda não sofria de nenhuma doença fatal, até onde alguém soubesse. “O joelho”, respondi. “Dói.” E não dizia mais nada. “Nem parece você, Phil, você tira tudo de letra.” Sorri. “Tiro, é?” “Olhe”, ele disse, “abra isto quando voltar pra casa”, e me entregou um embrulho que pude ver que ele mesmo fizera com um encorpado papel pardo. Disse: “Pra acompanhar seu novo diploma”.

O que ele me deu foi um retrato treze por dezoito, feito por um fotógrafo da seguradora Metropolitan Life uns quarenta e cinco anos antes, na ocasião em que o distrito dele, Newark, ganhara um dos cobiçados prêmios de venda da empresa. Ali, como eu podia lembrá-lo agora, estava o esforçado e inflexível vendedor de seguros dos meus anos de escola primária, com o ar convencionalmente impassível do estilo americano da era da Depressão: gravata conservadora com um laço bem-feito; jaquetão; cabelos ralos cortados curtos; olhar direto, firme; sorriso jovial, sóbrio, contido — o homem que o patrão quer em sua equipe e de quem o cliente não tem a menor dúvida de que é uma pessoa equilibrada, membro de carteirinha do mundo do dia a dia. “Confie em mim”, proclamava o rosto no retrato. “Me use. Me promova. Não vai se decepcionar.”

Quando telefonei de Connecticut na manhã seguinte, pensando em dizer-lhe com toda a franqueza como o presente daquele velho retrato me levantara o ânimo, meu pai ouviu de repente o filho de cinquenta e quatro anos soluçando como não o fazia desde a infância. Fiquei espantado por constatar como foi desprovida de alarme a reação dele ao que não poderia parecer nada menos que um colapso total. “Continue”, disse, como se soubesse tudo que eu vinha escondendo dele e, já que simplesmente sabia tudo, como se tivesse decidido, ao que parecia de repente, me dar aquela foto, que o mostrava em seu aspecto mais firme e decidido. “Bota tudo pra fora”, disse muito baixinho, “seja lá o que for, bota tudo pra fora...”

Disseram-me que toda essa infelicidade que acabo de descrever foi causada pelo comprimido para dormir que eu tomava toda noite, de benzodiazepina triazolam, comercializado com o nome de Halcion, a pílula que ultimamente começou a ser acusada de levar as pessoas à loucura em todo o globo. Na Holanda, a distribuição do Halcion está inteiramente suspensa desde 1979, dois anos depois de lançado lá e oito anos antes de me ter sido receitado; na França e na Alemanha, doses na quantidade da que eu tomava haviam sido retiradas das farmácias na década de 1980; e na Grã-Bretanha fora proibido completamente após uma denúncia na televisão levada ao ar no outono de 1991. A revelação — que não me pareceu tão revelação assim — se deu em janeiro de 1992, com uma longa matéria no *New York Times*, cujos parágrafos iniciais foram estampados com destaque na primeira página. “Durante duas décadas”, começava a matéria, “a empresa fabricante de remédios que faz o Halcion, a pílula para dormir mais vendida no mundo, ocultou da Food and Drug Administration dados que mostravam que o remédio causava um número significativo de sérios efeitos psiquiátricos colaterais...”

Só um ano e meio depois de meu colapso nervoso li pela primeira vez uma acusação abrangente do Halcion — e uma descrição do que o autor chamava de “loucura do Halcion” — numa revista popular americana. O artigo citava uma carta publicada em *The Lancet*, a publicação médica britânica, em que um psiquiatra holandês listava sintomas associados ao Halcion que ele descobrira num estudo de pacientes psiquiátricos aos quais fora administrado o remédio; a lista parecia um resumo didático, de minha catástrofe: “... severo mal-estar; despersonalização e desrealização; reações paranoides; ansiedade crônica e aguda; temor contínuo de ficar insano; ... os pacientes muitas vezes sentem-se desesperados e têm de combater um quase irresistível impulso para o suicídio. Sei de um paciente que se suicidou”.

Foi só por um golpe de sorte que, em vez acabar sendo hospitalizado — ou talvez até mesmo enterrado —, acabei sus-